Revista Práxis Pedagógica (RPP) e-ISSN: 1518-9341

DOI 10.69568/2237-5406.2024v10e8281

A desescolarização e o sistema educacional tradicional

La desescolarización y el sistema educativo tradicional

Deschooling and the traditional education system

Matheus Costa de Morais[1]
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Max Leandro de Araújo Brito[2]
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Daniel Almeida Bezerra[3]
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Resumo
Este artigo teve como objetivo analisar a desescolarização, discutindo possibilidades de aprimoramento do sistema educacional tradicional. A metodologia adotada fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, de cunho reflexivo, com foco na reflexão teórica acerca do conceito de desescolarização. Como resultados, o estudo apresentou aspectos importantes da desescolarização, a saber: autonomia dos alunos e a personalização do aprendizado, respeitando interesses e ritmos. Entre os aspectos preocupantes, destaca-se a exacerbação das desigualdades existentes. O estudo conclui que a análise da desescolarização como uma alternativa ao sistema educacional tradicional apresenta possibilidades para aprimorar a educação, especialmente em um contexto pós-pandemia.
Palavras-chave: aprendizagem; desigualdades educacionais; educação personalizada.

Resumen
El objetivo de este artículo es analizar la desescolarización, discutiendo las posibilidades de mejora del sistema educativo tradicional. La metodología adoptada se basa en un enfoque cualitativo y reflexivo, centrado en la reflexión teórica sobre el concepto de desescolarización. Como resultado, el estudio presentó aspectos importantes de la desescolarización, a saber: la autonomía del alumno y la personalización del aprendizaje, respetando intereses y ritmos. Entre los aspectos preocupantes está la exacerbación de las desigualdades existentes. El estudio concluye que el análisis de la desescolarización como alternativa al sistema educativo tradicional presenta posibilidades de mejora de la educación, especialmente en un contexto post-pandémico.
***Palabras clave**: aprendizaje; desigualdades educativas; educación personalizada.*

[1] Graduado em Ciências e Tecnologia – Negócios Tecnológicos pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. *E-mail:* moraismatheus1997.mc@hotmail.com - ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1943-9131.
[2] Doutorados em Energia e Educação. Professor Adjunto e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. *E-mail:* max.brito@ufrn.br - ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2827-9886.
[3] Doutorado em Administração. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, *campus* de Altamira. *E-mail:* daniel.bezerra@ifpa.edu.br - ORCID: https://orcid.org/0009-0002-7644-5666.

DOI 10.69568/2237-5406.2024v10e8281

Abstract
This article aimed to analyze deschooling by discussing possibilities for improving the traditional educational system. The methodology adopted in this article is based on a qualitative, reflective approach, focusing on theoretical reflection on the concept of deschooling. As a result, the study highlighted important aspects of deschooling, such as student autonomy and the personalization of learning, respecting their interests and pace. Among the concerning aspects, the exacerbation of existing inequalities stands out. The study concludes that analyzing deschooling as an alternative to the traditional educational system presents opportunities to enhance education, especially in a post-pandemic context.
Keywords: *learning; educational inequalities; personalized education.*

1 INTRODUÇÃO

Ao promover espaços de socialização, os processos educacionais contribuem para a formação da consciência crítica, possibilitando que o aluno compreenda o mundo e se reconheça como sujeito transformador desse mundo. O ensino tradicional, muitas vezes, não consegue acomodar as subjetividades dos alunos. A educação deveria ser libertadora, mas há momentos em que os alunos obtêm apenas o conhecimento de que necessitam por meio de uma educação bancária (Freire, 1997; Freire, 1996).

Esse modelo padronizado pode gerar exclusão, principalmente quando não leva em conta as realidades culturais e sociais dos estudantes. A rigidez curricular pode afastar o aluno do aprendizado, gerando desmotivação e perpetuando desigualdades sociais e econômicas (Freire, 1987).

Ivan Illich, em sua obra *Sociedade sem Escolas* (Illich, 1985), argumenta que o sistema escolar formal é um monopólio de conhecimento que limita o potencial e que se baseia em um currículo predeterminado. Para Illich (1985), a desescolarização envolve a liberdade de aprender sem a presença de um sistema hierárquico e autoritário. Defende a desinstitucionalização da aprendizagem, substituindo a educação formal por redes de aprendizagem autônomas e adaptáveis.

Na visão de Ivan Illich (1985), a desescolarização é uma alternativa à hegemonia da instituição escolar tradicional sobre os processos de ensino e aprendizagem. Illich argumenta que a desescolarização não é simplesmente o abandono da escola, mas uma reformulação das formas como o conhecimento é compartilhado.

DOI 10.69568/2237-5406.2024v10e8281

Um conceito mais recente trabalhado por Portugal e Almeida (2020) é que a desescolarização se refere ao processo em que o aluno acaba se distanciando progressivamente do ambiente escolar devido a conflitos. Assim, trata-se de uma ruptura entre o aluno e a instituição escolar, resultante de problemas relacionais e emocionais que o impedem de participar plenamente da vida escolar.

O conceito de desescolarização, abordado por Vasconcelos (2017), está diretamente associado à prática do *unschooling*, um movimento que se opõe ao sistema formal de educação e defende o direito dos pais de escolher como seus filhos devem ser educados, sem a imposição da escolarização obrigatória. A desescolarização é vista como um processo que desafia a centralidade da escola como única instituição legitimada para ensinar, promovendo alternativas educacionais que favorecem a liberdade de escolha das famílias. Essa visão embasa a prática do *homeschooling*.

O *homeschooling* refere-se à prática de educação domiciliar, na qual os pais ou tutores assumem a responsabilidade pelo ensino de seus filhos fora do ambiente escolar tradicional. Essa modalidade pode ser realizada diretamente pelos próprios pais ou, quando necessário, por professores contratados para disciplinas que os pais não dominam (Vasconcelos, 2017).

Durante a pandemia do COVID-19, a escolarização mostrou não só fragilidade como força e superação. O ensino remoto revelou possibilidades, mas também demonstrou a importância da escola como espaço de encontro, diálogo e construção coletiva. O pós-pandemia trouxe consigo o desafio de reimaginar o futuro da educação, com o fortalecimento da capacidade crítica e emancipatória dos alunos (Freire, 1986), especialmente aqueles em contextos vulneráveis.

Assim, tendo em vista o contexto apresentado, o objetivo deste artigo é analisar a desescolarização, discutindo possibilidades de aprimoramento do sistema educacional tradicional.

2 METODOLOGIA

A metodologia adotada neste artigo fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, com foco na reflexão teórica acerca do conceito de desescolarização, conforme proposto por Illich (1985).

DOI 10.69568/2237-5406.2024v10e8281

A pesquisa qualitativa de caráter reflexivo privilegia a elaboração de ideias e proposições teóricas a partir da interpretação crítica de conceitos, o que neste caso se alinha com a intenção de desenvolvimento de debates sobre limites e potencialidades da desescolarização como modelo alternativo de educação (Triviños, 1987). A escolha por uma pesquisa reflexiva se justifica pela natureza teórica do estudo, por meio da construção de um diálogo crítico sobre as ideias de Illich (1985) e o impacto em práticas educativas contemporâneas.

Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa se caracteriza pela profundidade de análise dos fenômenos, enfatizando o entendimento interpretativo sobre a realidade social e seus significados. No caso deste estudo, tal abordagem possibilita a exploração das implicações pedagógicas e sociais da desescolarização. Por sua vez, a pesquisa teórica consiste na análise de conceitos e teorias, contribuindo para o aprimoramento do conhecimento (Gil, 2008).

O processo metodológico envolveu a seleção de fontes bibliográficas primárias que discutem a desescolarização e as interfaces com a pedagogia crítica. Além das obras de Illich, foram incluídos autores como Paulo Freire, que defende a educação emancipadora, entre outros autores.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Reflexão teórica acerca do conceito de desescolarização

A desescolarização é um tema que suscita um amplo espectro de opiniões e debates no campo educacional. De um lado, há defensores como Holt e Farenga (2004) que argumentam em favor de sua implementação, fundamentando-se em teorias pedagógicas que promovem a autonomia do aprendiz e a crítica às estruturas tradicionais de ensino. Esses defensores frequentemente citam exemplos práticos e dados empíricos que ilustram os benefícios potenciais de uma educação mais livre e personalizada, voltada para o desenvolvimento integral do indivíduo.

Por outro lado, os críticos da desescolarização, como Reich (2002), apontam para possíveis riscos e desafios associados a essa prática, como a falta de socialização, a desigualdade de oportunidades e a dificuldade de garantir padrões mínimos de qualidade educacional. Esses críticos baseiam-se em uma série de argumentos teóricos que enfatizam a importância das instituições escolares como

DOI 10.69568/2237-5406.2024v10e8281

espaços de formação cívica e social, além de questionarem a eficácia e a equidade da desescolarização em larga escala.

Para uma adequada desescolarização, o sistema educacional precisa: (1) oferecer os recursos adequados quando necessário para garantir uma boa aprendizagem; (2) permitir que todos compartilhem os conhecimentos adquiridos entre si; e (3) assegurar que a publicação de ideias seja feita de forma equitativa. Dessa maneira, as realizações acadêmicas poderiam se tornar conhecimento acessível para todos. Esses princípios buscam democratizar o acesso ao saber, favorecendo uma educação que vá além da sala de aula e que esteja disponível a todos, independentemente da posição social (Illich, 1985).

A ideia de aprendizagem independente baseia-se na premissa de que viver é, em si, um aprendizado. Essa concepção de educação desconsidera os fatores externos, focando nos fatores motivadores individuais de cada pessoa. A proposta é de que o aprendizado é algo que acontece naturalmente ao longo da vida, sem a necessidade de uma estrutura formal ou rígida de ensino (Klinko, 2021).

Historicamente, a alfabetização foi um terreno de disputa entre as classes sociais. Durante a Antiguidade greco-romana, a habilidade de ler e escrever era amplamente disseminada entre os cidadãos, embora ainda limitada a uma parcela específica da população. Contudo, na Idade Média, essa prática foi restrita a grupos privilegiados, marcando o início de uma alfabetização corporativa, que excluía grande parte da população. Desde então, a segregação educacional tem sido uma constante, refletindo as profundas divisões sociais que permeiam o acesso ao conhecimento (Postman, 1999; Pachioni, 2012).

As dificuldades enfrentadas pela educação escolar em adotar novas práticas pedagógicas, direcionadas a uma ecologia de aprendizagem mais inovadora, têm sido um fator de fortalecimento dos argumentos pró-desescolarização. O *homeschooling* emergiu como uma alternativa atraente para famílias que não encontraram na educação formal o suporte necessário para as demandas educacionais. Assim, o movimento desescolarizador oferece uma resposta a falhas percebidas, reforçando a busca por métodos de ensino mais personalizados e fora dos moldes escolares tradicionais (Bicalho; Oliveira; Salvador, 2022).

DOI 10.69568/2237-5406.2024v10e8281

O *homeschooling*, embora ainda seja uma prática adotada por uma pequena parcela da população, especialmente em países onde ganhou adeptos, levanta discussões sobre os processos de desescolarização. A aceitação crescente dessa alternativa educacional entre classes que anteriormente eram usuárias do sistema escolar tradicional evidencia o início de um movimento desescolarizador na sociedade. Esse fenômeno desencadeia um conflito explícito entre os defensores da educação formal e os partidários da desescolarização, especialmente porque ambas as abordagens representam visões distintas sobre a função da educação na sociedade (Vasconcelos, 2017).

A pandemia intensificou os desafios na educação, o que levou ao fortalecimento de discursos que minimizam o papel da escola como uma instituição central para a socialização e o ensino formal. Esses discursos ganharam força em defesa da desescolarização, promovendo práticas educacionais alternativas, como o *homeschooling*, que já vinha atraindo adeptos globalmente. Durante a pandemia, essa prática foi impulsionada pela necessidade de realizar atividades escolares em casa, destacando a inadequação do sistema educacional tradicional para atender às novas demandas da sociedade (Bicalho; Oliveira; Salvador, 2022).

Entretanto, o *homeschooling* é uma prática controversa e suscita debates acalorados. De um lado, há quem defenda sua capacidade de corrigir as falhas percebidas nas escolas, enquanto do outro, há críticos que apontam os perigos dessa abordagem, especialmente no que diz respeito à negação da diversidade e da alteridade presentes no ambiente escolar. Esses críticos argumentam que o *homeschooling* pode refletir inclinações ideológicas que promovem uma visão mais restrita e menos pluralista da formação dos estudantes, o que pode limitar seu desenvolvimento social e cultural (Bicalho; Oliveira; Salvador, 2022).

Apesar das críticas, os defensores do *homeschooling* argumentam que ele oferece uma alternativa necessária para famílias que buscam uma educação mais personalizada e alinhada com seus valores e expectativas. No entanto, essa escolha também pode ser vista como um reflexo das falhas do sistema educacional em atender às necessidades individuais dos alunos (Vasconcelos, 2017).

Outra vertente da desescolarização é a desescolarização da leitura. Essa abordagem destaca a importância de romper com as práticas tradicionais que tratam

DOI 10.69568/2237-5406.2024v10e8281

a leitura como uma obrigação escolar. Ao desestruturar a leitura dos padrões formais, os educandos podem desenvolver uma conexão mais profunda e significativa com os textos, o que potencialmente favorece um maior envolvimento e interesse contínuo pela prática da leitura ao longo da vida (cordeiro; kondo, 2017).

A desescolarização pode ser uma alternativa viável para enfrentar os desafios da educação contemporânea. As instituições de ensino, em todos os níveis, falham em integrar teoria e prática de maneira eficiente. O conteúdo ministrado nas escolas nem sempre se traduz em experiências práticas, o que é uma falha atribuída ao modelo tradicional de ensino, no qual o professor é visto como o único detentor do conhecimento. Nessa perspectiva, a escola institucionalizada acaba por perpetuar um ciclo de desigualdade e exclusão Illich (Illich, 1985).

O modelo tradicional de ensino está cada vez mais focado em uma visão tecnicista da educação, preparando alunos como mão de obra para atender às necessidades do mercado industrial. Além disso, o currículo escolar tende a favorecer a formação de consumidores, exacerbando ainda mais as desigualdades sociais e econômicas. Nesse cenário, a desescolarização permitiria que os alunos estudassem de forma autônoma, utilizando os professores como recursos ocasionais, promovendo uma tentativa de equidade entre diferentes classes sociais (Pachioni, 2012).

Assim, a desescolarização pode oferecer uma educação mais personalizada, que respeite as necessidades e particularidades de cada aluno. Quando os estudantes são incentivados a aprender de forma autônoma, podem seguir seus próprios ritmos e interesses, o que promove um aprendizado mais significativo e motivador. Nesse modelo, a figura do professor se transformaria de detentor do saber para facilitador do processo de aprendizagem, permitindo maior liberdade ao estudante (Illich, 1985).

A escola, apesar de sempre ter tido um papel excludente, hoje o faz de maneira sutil. Illich (1985) observa que a exclusão atual é marcada por uma seleção cada vez mais precoce, baseada na diversificação de percursos escolares relacionados aos processos de orientação educacional. Essa forma de exclusão é gradual e imperceptível, tanto para os responsáveis por sua execução quanto para os próprios alunos que a vivenciam (Seabra, 2009).

DOI 10.69568/2237-5406.2024v10e8281

Contudo, cabe destacar que as escolas também podem abrir caminhos para mobilização social e outras formas de existência. Para crianças que vivem em contextos familiares com repertórios culturais restritos ou até mesmo abusivos, a escola pode ser um espaço de acolhimento e visibilidade. O papel das escolas em desnaturalizar preconceitos, abusos e discriminações perpetuadas no ambiente familiar demonstra que, embora a desescolarização proponha alternativas, não se pode reduzir a escola a uma instituição que apenas perpetua injustiças, sem considerar seu potencial transformador (Chamusca; Gonçalves, 2020).

A desescolarização é uma forma de fragmentar o sistema educacional, retirando do Estado a responsabilidade central de garantir uma educação pública e equitativa. Teme-se que a descentralização leve a uma maior desigualdade educacional, já que a qualidade do ensino passaria a depender ainda mais dos recursos e da organização de cada família, potencialmente reforçando as disparidades sociais já existentes (Vasconcelos, 2017).

O discurso da desescolarização frequentemente romantiza a instituição familiar e demoniza a escola, ignorando que nem todas as famílias proporcionam um ambiente seguro e saudável para as crianças. Da mesma forma, também não se pode garantir que todas as escolas ofereçam vivências plenamente éticas e felizes (Chamusca; Gonçalves, 2020).

3.2 Análise crítica e reflexiva de possibilidades de aprimoramento do sistema educacional tradicional com a desescolarização

A disparidade no sistema educacional contemporâneo evidencia uma complexa interação entre estrutura pedagógica e desigualdade social. Embora a proposta de igualdade de oportunidades seja um princípio das políticas educacionais, a realidade revela um cenário onde desigualdades influenciam as trajetórias acadêmicas e profissionais dos alunos. O modelo educacional que prioriza a memorização e a conformidade com padrões estabelecidos tende a criar uma ilusão de equidade. Essa abordagem ignora as disparidades individuais e estruturais que afetam o acesso e a qualidade da educação. A falta de um ajuste que considere as variações nas condições sociais e econômicas dos alunos perpetua desigualdades preexistentes, tornando a educação um reflexo e amplificador das desigualdades sociais.

DOI 10.69568/2237-5406.2024v10e8281

A discrepância nos resultados acadêmicos e profissionais entre alunos de diferentes origens socioeconômicas destaca a falência do ideal meritocrático. Alunos provenientes de classes sociais mais favorecidas frequentemente têm acesso a recursos educacionais superiores e suporte familiar, facilitando o progresso acadêmico e profissional. Em contraste, estudantes de classes populares enfrentam barreiras significativas, como recursos educacionais limitados e suporte familiar inadequado, que comprometem oportunidades de avanço. Este desequilíbrio perpetua um ciclo onde as vantagens educacionais e profissionais são herdadas e reforçadas, desafiando a premissa de que a meritocracia pode efetivamente nivelar o campo de oportunidades.

Apesar da meritocracia ser promovida como um ideal de justiça e equidade, as condições de partida são profundamente desiguais. Alunos de escolas públicas, por exemplo, frequentemente enfrentam desafios como falta de recursos adequados e infraestrutura inadequada. A falta de recursos pode resultar em salas de aula superlotadas, materiais didáticos insuficientes e instalações precárias, o que compromete a qualidade da educação escolarizada oferecida.

As críticas à desescolarização frequentemente destacam a preocupação com a ampliação das desigualdades existentes no sistema educacional. A ausência de uma estrutura institucionalizada e do suporte contínuo de professores poderia acentuar as disparidades entre diferentes grupos de alunos. Aqueles provenientes de famílias mais abastadas teriam acesso a uma variedade de recursos educacionais e oportunidades de aprendizagem que não estariam igualmente disponíveis para os de famílias menos favorecidas. Nesse cenário, a falta de uma instituição escolar que ofereça orientação e apoio poderia prejudicar ainda mais os alunos em situação de vulnerabilidade, exacerbando as desigualdades já existentes.

Outro ponto de crítica importante é a possível subestimação da importância da socialização no ambiente escolar. A interação diária com colegas e professores apoia o desenvolvimento social e emocional dos alunos. A experiência de compartilhar um espaço de aprendizado, colaborar em projetos, contribui para o desenvolvimento de habilidades interpessoais e sociais.

A desescolarização enfrenta desafios logísticos. A implementação de um sistema educacional totalmente desescolarizado exigiria uma reestruturação das

DOI 10.69568/2237-5406.2024v10e8281

políticas educacionais e dos recursos destinados aos alunos. Isto envolve a criação de novos modelos de aprendizagem e adaptação dos recursos existentes.

É importante destacar que a associação da desescolarização à pensamentos neoliberais promove uma cultura homogeneizadora e pode dificultar a implementação de mudanças significativas. Esses pensamentos valorizam a autonomia individual e a redução da intervenção estatal, e levam a uma educação fragmentada e desigual. Em muitos contextos, a ênfase em soluções de mercado e a falta de um suporte para todos os alunos perpetuam os sistemas tradicionais de ensino, favorecendo aqueles que já possuem acesso a melhores oportunidades educacionais e profissionais.

Adicionalmente, a desescolarização pode intensificar as barreiras enfrentadas pelos alunos de baixa renda. Sem a estrutura institucionalizada, essas barreiras se tornam ainda mais evidentes. Alunos que já enfrentam dificuldades de acesso a recursos educacionais e suporte familiar podem encontrar-se em uma situação ainda mais desvantajosa em um modelo desescolarizado.

Em relação às resistências culturais e institucionais, é preciso destacar que estão profundamente enraizadas no sistema educacional tradicional. A mudança de pensamento necessária para implementar a desescolarização envolve uma reavaliação dos métodos de ensino e uma transformação na percepção cultural da educação, o que exige tempo.

Após a pandemia de COVID-19, a discussão sobre a desescolarização está sendo reavaliada, destacando possíveis contribuições para a evolução da aprendizagem. A necessidade de adaptação e inovação no sistema educacional, evidenciada pelas interrupções e desafios enfrentados durante a pandemia, trouxe à tona a importância de explorar modelos alternativos de ensino.

A pandemia demonstrou a necessidade de alternativas ao ensino tradicional. Com a transição forçada para o ensino remoto, muitas instituições enfrentaram desafios de infraestrutura, preparação e inclusão digital. Com o aumento das tecnologias digitais e das plataformas de aprendizado *online*, pode-se criar um ambiente de aprendizado mais acessível e inclusivo. O acesso a uma variedade de recursos educacionais e a possibilidade de interação virtual podem democratizar o conhecimento e superar barreiras geográficas e socioeconômicas.

DOI 10.69568/2237-5406.2024v10e8281

A abordagem desescolarizada encoraja os alunos a seguir seus próprios interesses e ritmos, permitindo que a aprendizagem seja mais alinhada às necessidades e motivações individuais. Além disso, a desescolarização pode contribuir para a ampliação do acesso ao conhecimento. O desenvolvimento de habilidades de autoaprendizagem e de autogestão promove a aprendizagem autodirigida, pode preparar os alunos para enfrentar desafios futuros, incentivando-os a desenvolver habilidades de pensamento crítico.

Os professores podem atuar como facilitadores do aprendizado, ajudando os alunos a navegarem por seus próprios interesses e projetos. Essa mudança pode enriquecer a prática pedagógica e permitir que os educadores desempenhem um papel dinâmico e personalizado no processo de ensino. É necessária uma atenção à colaboração entre escola e família, incentivando uma abordagem mais integrada e cooperativa para apoiar a aprendizagem dos alunos.

Em relação ao *homeschooling*, pode exacerbar as disparidades educacionais, uma vez que a qualidade da educação em casa depende dos recursos financeiros e da capacidade dos pais de fornecer uma educação abrangente. Famílias com menos recursos podem não ter acesso à materiais educacionais adequados ou a experiências enriquecedoras, o que pode limitar o desenvolvimento acadêmico e social dos alunos em comparação com aqueles que frequentam escolas bem equipadas.

Além disso, o *homeschooling* é frequentemente criticado por sua falta de regulamentação e supervisão. Sem a estrutura formal das escolas, a educação domiciliar pode não cumprir os padrões educacionais estabelecidos, resultando em uma variabilidade significativa na qualidade do ensino. A ausência de uma estrutura formal pode permitir que alguns pais implementem currículos desatualizados, prejudicando o desenvolvimento dos alunos.

As críticas também se dirigem à tendência de promover visões ideológicas restritivas. Em alguns casos, o ensino domiciliar pode ser usado para isolar os alunos de ideias e perspectivas diversas, perpetuando crenças e valores limitados. Isso pode restringir a capacidade dos alunos de desenvolver um pensamento crítico e uma compreensão ampla do mundo, limitando seu engajamento com uma sociedade plural.

DOI 10.69568/2237-5406.2024v10e8281

Outro aspecto preocupante é o impacto psicológico potencial sobre as crianças que são educadas em casa. A falta de um ambiente escolar tradicional pode levar a um isolamento social significativo, o que pode afetar o desenvolvimento emocional e a autoestima das crianças. A interação limitada com pares pode resultar em dificuldades na construção de habilidades interpessoais e na adaptação a diferentes contextos sociais.

O *homeschooling* pode aumentar a carga de trabalho dos pais, que muitas vezes precisam equilibrar responsabilidades profissionais com a tarefa de educar seus filhos. Essa pressão adicional pode não ser sustentável para muitas famílias e pode levar ao estresse e ao desgaste.

Por outro lado, o *homeschooling* oferece vantagens, especialmente no que diz respeito à personalização da educação. Os alunos podem seguir um currículo adaptado às suas necessidades, interesses e ritmos individuais, permitindo uma abordagem mais personalizada do aprendizado.

Esse modelo pode atender melhor a diferentes estilos de aprendizagem além de proporcionar um ambiente mais flexível e estimulante para o desenvolvimento acadêmico. Cabe destacar que o *homeschooling* pode proporcionar um ambiente de aprendizado mais seguro e controlado, especialmente para alunos que podem enfrentar desafios como *bullying* ou problemas de saúde na escola tradicional. A educação domiciliar permite que os pais criem um ambiente onde os alunos se sintam mais seguros e confortáveis, apoiando o desempenho acadêmico e bem-estar emocional.

O *homeschooling* permite que as famílias integrem valores e princípios pessoais no currículo educacional. Para pais que têm preocupações sobre o conteúdo ensinado nas escolas tradicionais, a educação domiciliar oferece a oportunidade de ensinar conteúdos que alinhem com suas crenças e valores, proporcionando uma educação que reflete suas próprias perspectivas e prioridades.

Outro benefício é a flexibilidade que proporciona em termos de horários e currículo. Famílias podem criar um cronograma que se adapte às suas necessidades e ritmos individuais, permitindo que a educação seja mais adaptada às realidades diárias da vida familiar. Essa flexibilidade pode ser particularmente vantajosa para famílias que viajam frequentemente ou que têm horários irregulares.

DOI 10.69568/2237-5406.2024v10e8281

Vale destacar que o *homeschooling* pode fomentar uma relação mais estreita e colaborativa entre pais e filhos. O processo de ensino e aprendizado em casa pode fortalecer os laços familiares e permitir um maior envolvimento dos pais no desenvolvimento educacional dos filhos.

Essa interação pode ser benéfica para o desenvolvimento das crianças e incentivar a autonomia entre os alunos. Em um ambiente onde o currículo é adaptado às necessidades e interesses, os alunos têm mais oportunidades para desenvolver habilidades de independência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo conclui que a análise da desescolarização como uma alternativa ao sistema educacional tradicional apresenta possibilidades para aprimorar a educação, especialmente em um contexto pós-pandemia. A proposta de Ivan Illich, ao enfatizar a autonomia dos alunos e a personalização do aprendizado, oferece uma perspectiva que pode mitigar parcialmente as limitações e desafios do modelo escolar convencional.

A flexibilidade e a adaptação à diversidade dos alunos são aspectos que a desescolarização pode promover, alinhando-se com as necessidades emergentes da educação atual. A possibilidade de os alunos seguirem seus próprios interesses e ritmos pode levar a um aprendizado motivador. Além disso, a integração de tecnologias digitais e a ampliação do acesso ao conhecimento são pontos a serem considerados.

O *homeschooling*, ao oferecer uma abordagem personalizada e flexível para a educação, pode apresentar benefícios, como a adaptação do currículo às necessidades e interesses individuais dos alunos, a criação de um ambiente de aprendizado integrado a valores familiares. No entanto, também enfrenta desafios, incluindo a possibilidade de exacerbação das desigualdades educacionais, a falta de interação social diversificada e a ausência de regulamentação formal.

Apesar das vantagens na promoção de uma educação adaptada e no fortalecimento dos laços familiares, o *homeschooling* deve ser abordado com cautela, considerando tanto seus aspectos positivos quanto negativos, para garantir

DOI 10.69568/2237-5406.2024v10e8281

que a educação domiciliar ofereça um aprendizado inclusivo sem comprometer o desenvolvimento social e emocional dos alunos.

Como futuras abordagens sobre a desescolarização sugerem-se o estudo da adaptação e contextualização das práticas educacionais de comunidades educacionais. Outro ponto é a necessidade de investigar o impacto da desescolarização sobre a aprendizagem social e emocional dos alunos.

REFERÊNCIAS

BICALHO, Rute Nogueira de Morais; OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos de; SALVADOR, César Coll. O movimento da desescolarização: reflexões da psicologia no cenário da pandemia. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 3, p. 16571-16589, 2022. Disponível em: https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/44867. Acesso em: 23 nov. 2024.

CHAMUSCA, Caroline Montezi de Castro; GONÇALVES, Teresa N. R. Paradoxos e tensões na construção do espaço público da educação: alternativas educativas de escolha parental e desescolarização nos coletivos parentais do Rio de Janeiro. **Práxis Educativa**, v. 15, p. 1-20, 2020. Disponível em: https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/14817. Acesso em: 23 nov. 2024.

CORDEIRO, Elisa N.; KONDO, Rosana H. Desescolarização e leiturização: uma proposta de leitura para ensino de português para falantes de outras línguas. **Revista X**, v. 12, n. 2, dez. 2017. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/51247. Acesso em: 23 nov. 2024.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

HOLT, John; FARENGA Patrick. **Teach Your Own**: The John Holt Book of Homeschooling. Boston: Da Capo Press, 2004.

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas**. Petrópolis: Vozes, 1985.

DOI 10.69568/2237-5406.2024v10e8281

KLINKO, Janaina. **Desescolarização e abandono do mundo**: um estudo sobre argumentos antiescola e seus pressupostos. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2001.

PACHIONI, Miguel S. A desescolarização da sociedade para a construção do conhecimento. **Ação midiática: Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura**, v. 2, n. 2, p. 1-8, 2012.

PORTUGAL, Clarissa P.; ALMEIDA, Inês Maria M. Z. P. de. Estudo de caso sobre um processo de desescolarização marcado pelo fracasso entre escola e família. **Práxis Educativa**, v. 15, p. 1–15, 2020. Disponível em: https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/14788. Acesso em 24 nov. 2024.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1999.

REICH, Rob. The Civic Perils of Homeschooling. **Educational Leadership**, v. 59, n. 7, p. 56-59. 2002.

SEABRA, Teresa. Desigualdades escolares e desigualdades sociais. **Sociologia, Problemas e Práticas**, v. 59, p. 75-106, jan. 2009. Disponível em: https://sociologiapp.iscte-iul.pt/pdfs/10120/10123.pdf. Acesso em 24 nov. 2024.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELOS, Maria Ceci C. Educação na casa: perspectivas de desescolarização ou liberdade de escolha? **Pro-Posições**, v. 28, n. 2, p. 122–140, maio 2017. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1980-6248-2015-0172. Acesso em 24 nov. 2024.

Este conteúdo está licenciado sob uma Licença Creative Commons BY-NC-AS 4.0